



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## INVESTIGANDO QUESTÕES ORTOGRÁFICAS E FONOLÓGICAS NOS QUADRINHOS NACIONAIS

Natália Cristine Prado<sup>1</sup>

### 1. Introdução

O intuito desta pesquisa é estudar onomatopeias a partir dos quadrinhos nacionais, observando a relação entre ortografia e fonologia que se estabelece na escrita dessas expressões, que Cagliari (1993, p. 616) chama de “escrita do barulho”. Trabalhos com sobre a linguagem verbal nos quadrinhos são importantes, pois ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a observar, enquanto sistema, a linguagem verbal presente nesse tipo de material.

Segundo com Vergueiro (2005, p. 17), na década de 1970, muitos estudiosos simplesmente não consideravam dignos de atenção os pesquisadores interessados por histórias em quadrinhos (ou HQs), de modo que havia um consenso de que as HQs “definitivamente não pertenciam ao meio acadêmico”. Ademais, segundo Ramos (2012, p. 13), levar histórias em quadrinhos para a escola era algo, até pouco tempo atrás, intolerável.

Entretanto, atualmente, além de despertarem interesses acadêmicos, os quadrinhos foram incluídos no Parâmetro Curricular Nacional (PCN), sendo bem-vindos em nossas salas de aula e marcando presença constante em provas de vestibulares e concursos. Todavia, podemos dizer que, ainda hoje, são poucos os estudos que realizam análises fonológicas, morfológicas, sintáticas ou lexicais do Português Brasileiro (doravante PB) a partir da linguagem dos quadrinhos.

Todavia, embora o interesse em torno desse hipergênero<sup>2</sup> tenha aumentado, ainda são poucos os trabalhos da área de Linguística que se dedicam a

<sup>1</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (FCLAr/UNESP), professora do Departamento de Línguas Vernáculas da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Contato: natalia.prado@unir.br.

<sup>2</sup> Compartilhamos, neste trabalho, da linha teórica de Cagnin (1975), Mendonça (2002) e Ramos (2005, 2006, 2012), que veem os quadrinhos como um hipergênero (termo usado por Maingueneau



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

observar, a linguagem verbal presente nas HQs, tirinhas, charges e outros tipos de quadrinhos. Desse modo, podemos dizer que, ainda hoje, são raros os estudos que realizam análises fonológicas, morfológicas, sintáticas ou lexicais do PB a partir da linguagem dos quadrinhos.

Portanto, com essa pesquisa, esperamos colaborar com os estudos sobre a linguagem verbal presente nos quadrinhos brasileiros.

## 2. Metodologia e análises

Em meio aos estudos que observam a linguagem dos quadrinhos, há alguns trabalhos (como Eguti, 2001; Passarelli, 2004 e Ramos, 2005) que ressaltam os aspectos da oralidade ali representada. Segundo essas pesquisas, sobretudo Eguti (2001), podemos notar que os diversos tipos de quadrinhos são um terreno fértil para a representação da língua falada, bem como dos demais elementos que a constituem como gestos, voz e outros. Ramos (2006, p. 1580) acredita que os quadrinhos simulam as várias características da língua falada, de modo que os balões representam os turnos conversacionais e “o formato das letras e o contorno dos balões indicariam tom de voz mais elevado, mais baixo, a emoção sentida no momento da fala do personagem”.

Levando em consideração o estudo de Eguti (2001), que notou que, no fim dos anos 90, a “Turma da Mônica” apresentava uma fala bastante fiel ao coloquial, acreditamos que seja possível observar nos quadrinhos nacionais algumas tendências atuais do PB, pois, ao simularem a língua oral, os quadrinhos apresentam uma linguagem rica em expressividade e inovação linguística, tornando-se, assim, um excelente material de estudos para analisar fenômenos linguísticos

---

em diversas obras, como Mainguenu, 2006), o que significa dizer que o termo “quadrinhos” é um rótulo que agrega diferentes gêneros, cada um com suas particularidades. Assim, “um hipergênero antecipa informações textuais ao leitor e ao produtor e funcionaria como um guarda-chuva para diferentes gêneros, todos autônomos, mas com características afins” (RAMOS, 2009, p. 366). Ramos (2009, p. 362) explica que “podem ser abrigados dentro do hipergênero chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos”.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

típicos da fala oral, como adaptações fonológicas de estrangeirismos, gírias, processos morfofonológicos que ocorrem na formação de palavras, processos fonológicos típicos da língua oral (como supressão e fusão de sons), entre outros fatos que podem transparecer a partir da ortografia flexível e informal dos quadrinhos atuais.

Com relação à metodologia, para esse trabalho, foram observadas, a partir das revistas “Turma da Mônica” (*Mônica 11, Cebolinha 11, Magali 11, Cascão 11, Chico Bento 11 e Turma da Mônica 11*), 60 histórias em quadrinhos e coletadas 162 onomatopeias. Como são muitas expressões, no quadro 1, abaixo, podemos ver apenas uma amostra dos vocábulos coletados e a maneira como se dá a organização das onomatopeias em nosso estudo.

**Quadro 1** - Amostra de vocábulos coletados na pesquisa

ONOMATOPEIAS		
Itens e variantes ortográficas	Ocorrências/publicação	Referência; contexto
Cablam	1/ <b>CEBOLINHA 11</b> , p. 15	Som de caixa sendo jogada no chão
Cabrum	2/ <b>CASCÃO 11</b> , p. 25, 66	Som de Trovão
Caham	1/ <b>CEBOLINHA 11</b> , p. 48 – 1/ <b>MAGALI 11</b> , p. 16 – 1/ <b>MÔNICA 11</b> , p. 62	Som feito para chamar a atenção
Caplof	1/ <b>CEBOLINHA 11</b> , p. 63	Som de batida no carro
Capof	1/ <b>MÔNICA 11</b> , p. 62	Som de agressão física
Catablam	1/ <b>TURMA DA MÔNICA 11</b> , p. 6	Som de queda
Cri	3/ <b>MÔNICA 11</b> , p. 55	Som de grilo
Crinch	1/ <b>CHICO BENTO 11</b> , p. 61 – 1/ <b>MAGALI 11</b> , p. 38 – 1/ <b>TURMA DA MÔNICA 11</b> , p. 19	Som de carro estacionando; som de parada abrupta de personagem; som de javali
Ding dong	3/ <b>MÔNICA 11</b> , p. 3; .5; 7 – 2/ <b>TURMA DA MÔNICA 11</b> , p.11 –	Som de Campanha
Dlim	3/ <b>CEBOLINHA 11</b> , p. 60	Som do trenó do papai noel



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Glin	3/ <b>MAGALI 11</b> , p. 57	Som de celular recebendo e-mail
Glu	2/ <b>MÔNICA 11</b> , p. 27	Som de ingestão de bebida
Glup	2/ <b>CASCÃO 11</b> , p. 61; 63 – 1/ <b>CHICO BENTO 11</b> , p. 3 – 3/ <b>MÔNICA 11</b> , p. 24; 62; 64 – 4/ <b>TURMA DA MÔNICA 11</b> , p. 13; 16; 21; 48	Som de engasgo
Nham	1/ <b>TURMA DA MÔNICA 11</b> , p. 22	Som de personagem salivando

É possível notar que o quadro está organizado em três colunas, sendo que na primeira coluna colocamos as onomatopeias e suas variantes ortográficas, na segunda coluna organizamos o número de ocorrências por publicação, apontando o número das páginas em que estão e, por fim, na terceira estão apontadas as referências de sentido e de contexto.

Após a coleta das onomatopeias, passamos a analisar a relação entre fonologia e ortografia. Como nosso estudo se propõe a observar onomatopeias, fez-se necessário, primeiramente, rever algumas definições clássicas para esse termo. As onomatopeias são classificadas por Alves (1990) como sendo um tipo de neologismo fonológico, o que significa, do ponto de vista da autora, que esse tipo de neologia supõe a “criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente” (ALVES, 1990, p. 11). A autora acrescenta que esse tipo de neologismo é raro em todas as línguas e está calcado em significantes inéditos.

Contudo, ela reforça que “a formação de palavras onomatopaicas não é totalmente arbitrária, já que ela se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos (ALVES, 1990, p.12)”. A autora explica que esse recurso procura reproduzir um som, o que “impossibilita que seu significante seja imotivado” (ALVES, 1990, p. 12). Para ela, esse recurso é bastante produtivo em certas linguagens, como, por exemplo, em histórias em quadrinhos. Embora as reflexões da autora sejam válidas, essa explicação, que afirma que uma



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

palavra onomatopaica é criada a partir de “ruidos ou gritos”, não nos parece ser o caso mais comum nas línguas.

Ao comentar os artifícios de ampliação do léxico do PB, Sandmann (1997, p. 22) afirma que a língua faz uso de três recursos para ampliar seu vocabulário, sendo que dois deles são marginais. De acordo com o autor, os recursos secundários são os empréstimos de outras línguas e a “criação do nada” – que nada mais é do que a formação de palavras através de fonemas ou sílabas já existentes na língua (como dizer “tututu” – onomatopeia para o som de quando cai uma ligação telefônica). Esse processo usado pelo autor nos parece pouco adequado, afinal esse tipo de formação de palavras envolve a mimetização de sons do mundo, apoiando-se nas possibilidades fonológicas de uma língua. Assim, essas criações não surgem “do nada” e, sim, das opções fonológicas do idioma. Desse modo, a definição de Alves (1990), apresentada anteriormente, mesmo sem ser a ideal, mostra-se mais adequada do que a definição de Sandmann.

Cagliari (1993, p. 618-619) enxerga nas expressões onomatopaicas um retrato de regras e tendências da língua, pois, para o autor, “embora restrito a um uso especial de linguagem, a um certo estilo, a escrita do barulho pode nos ajudar a entender melhor o próprio sistema de escrita e de fala”.

Em nossa análise, quando observamos os processos de formação dessas palavras e sua ortografia, a principal questão que surgiu foi: como representar um som que, na maioria das vezes, não tem ortografia definida (dicionarizada)? Acreditamos que a partir da observação de diversas onomatopeias presentes nos quadrinhos, é possível observar as tendências de escrita desses vocábulos, que seguem, muitas vezes, uma ortografia estilizada, isto é, uma ortografia que difere da grafia oficial do PB (PRADO, 2014). A estilização ortográfica não é exclusiva de onomatopeias. Pode aparecer também em interjeições, nomes próprios, como antropônimos (MASSINI-CAGLIARI, 2010, 2011a,b, 2013; SOUZA, 2011 e MACEDO, 2015), como *Mariah*, *Sarah* e *Kharla*, e nomes comerciais (PRADO, 2014), como *Autocenter Skinão* e *Ki-Bom*, além de aparecer também em e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

hipocorísticos (MACEDO, 2015), como *Titiny*, hipocorístico de *Valentine*, e na linguagem da internet.

Cagliari (1993, p. 616), que também analisou as onomatopeias de diversos quadrinhos, acredita que a escrita dessas palavras, “apresenta questões interessantes não só graficamente, como também para a ortografia e até para a gramática de uma língua”. Pudemos observar, neste estudo, que a escrita das onomatopeias passa por um processo de estilização da ortografia – muitas vezes com o intuito de trazer elementos prosódicos para o vocábulo, como, por exemplo, volume e duração, como nas onomatopeias que representam gritos, como “aaaahh” (figura 1), em que a repetição de letras pode indicar a duração desses gritos; ou como em “screeesh” (também presente na figura 1) em que, além da repetição da vogal *i*, se vê uma fonte mais grossa e vermelha em um fundo colorido, o que parece indicar o alto volume do som.



Figura 1 – (Cebolinha, nº 11, p. 62)

Outro fato interessante é que as onomatopeias podem apresentar, inclusive, sequências que, apesar de permitidas pelo molde silábico da língua portuguesa (COLLISCHONN, 2005 [1996], p. 120), acabam restritas a poucos usos, como a sequência de *onset* /vl/, encontrada em nomes próprios como *Vladmir*, /tl/, que ocorre na palavra *atlas* e seus derivados, e /dl/ presente apenas em siglas, como em DLA (Departamento de Linguística Aplicada). Esses grupos, com uso restrito com PB, podem ser encontrados nas onomatopeias como podemos observar



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

em vocábulos como *tlim* (que representa o som do telefone tocando), *vlam* (que representa o som de uma porta batendo) e *dlim* (que representa o barulho do trenó do papai noel).

Além disso, em posição inicial de palavra, em PB não ocorre /ɲ/ e /ʎ/, de modo que só encontramos estes segmentos nesta posição em palavras emprestadas de outras línguas, como, por exemplo, *lhama* e *nhoque*. Todavia, foi possível encontrar /ɲ/ no início de uma palavra onomatopaica que representa o som de uma pessoa salivando, *nham*.

Ainda conseguimos notar onomatopeias ortograficamente formadas sem vogais, como *Bmfff*, que indica irritação da personagem, e *Blllr* (presente na figura 2), que indica que a personagem está tremendo de frio. Esse tipo de vocábulo desafia o padrão silábico e ortográfico do PB, que não permite sílabas sem vogais e, talvez, possa ser interpretado apenas como sendo um ruído emitido pela pessoa, indicativo de seu humor, e não exatamente como uma palavra da língua.



Figura 2 - (Cebolinha, nº 11, p. 57)

Com este estudo, foi possível perceber que há uma grande riqueza lexical nos quadrinhos usados para a composição do nosso corpus.

### 3. Conclusões

As HQs são um terreno fértil para pesquisas linguísticas. Atualmente, observa-se que as publicações de quadrinhos, por destinarem-se a um público



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

consumidor muito amplo, representam um índice expressivo da cultura de massa e merecem atenção. Suas histórias e personagens estão sempre acompanhando a evolução cultural, tecnológica e linguística, de modo que a maneira de escrever os quadrinhos também sente necessidade de acompanhar essa evolução.

Por serem os quadrinhos uma fonte escrita que entra em contato com crianças e jovens em idade escolar, estudar os processos de estilização da sua grafia pode render reflexões importantes também sobre o papel desses materiais em sala de aula, até mesmo no estudo das normas ortográficas oficiais do português no Brasil.

A ortografia da Língua Portuguesa é regida por regras (bases) e pelo VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – versão Academia Brasileira de Letras). Essas normas orientam com devem ser escritas as palavras, porém, no caso das HQs, a simples representação de sons, ruídos e sentimentos, seguindo as normas ortográficas, pode tirar o impacto que outras formas de se escrever, mais agressivas visualmente, poderiam trazer, tornando a escrita mais adequada aos propósitos da mensagem dos quadrinhos. Os quadrinistas têm consciência dessa realidade.

Assim, com esta investigação, esperamos não apenas colaborar para a compreensão da relação entre ortografia e fonologia nas onomatopeias dos quadrinhos nacionais, mas, também, colaborar de modo geral para os estudos linguísticos que são realizados na região Amazônica.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- CAGLIARI, L. C. A escrita do barulho. In: **Estudos Linguísticos - Anais de seminários do GEL**. v. 22. São Paulo, Instituição Moura Lacerda, 1993. p. 615-622.
- CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.
- CASCÃO. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.
- CEBOLINHA. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.
- CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ª. ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 2005. p. 101-133. [1ª. ed. em 1996].

EGUTI, C. A. **A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos**. 198 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MACEDO, N. Z. **Análise fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro**. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), Araraquara, 2015.

MAGALI. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.

MAINGUENAU, D. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto: 2006.

MASSINI-CAGLIARI, G. Loans and foreign first names as clues to Phonological Identity in Brazilian Portuguese. In: HORNSBY, D. (Org.). **Interfaces in language 2**. 1ª ed. v. 1. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2011a. p. 53-67

MASSINI-CAGLIARI, G. Adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira: comparação entre Português Arcaico e Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40 (2): p. 795, mai.-ago. de 2011b.

MASSINI-CAGLIARI, G. Discutindo questões de identidade a partir da (não) adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira no Brasil. In: NEVES, M. H. de M. **As interfaces da gramática**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. (Série Trilhas Linguísticas 18). p.73-90

MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A. P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.194-207.

MÔNICA. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.

PASSARELLI, L. G. Os quadrinhos na educação lingüística: história, teoria e prática. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Língua Portuguesa em calidoscópio**. São Paulo: EDUC, 2004. p. 47-59.

PRADO, N. C. **A influência da língua inglesa na formação de nomes comerciais: questões de identidade linguística e cultural**. 343 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), Araraquara, 2014.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2012.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
 VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

RAMOS, P. **Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos.** Estudos Lingüísticos XXXV. 2006. p. 1574-1583.

RAMOS, P. Piadas e tiras em quadrinhos: a oralidade presente nos textos de humor. **Estudos Lingüísticos XXXI.** 2005. p. 1158-1163.

SANDMANN, A. J. **Morfologia Lexical.** São Paulo: Contexto, 1997.

SOUZA, S. M. L. S. de. **Antropônimos de origem inglesa: adaptações ortográficas e fonético-fonológicas realizadas por falantes do português brasileiro de São Luís-MA.** Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, FCL/UNESP, Araraquara: 2011.

TURMA DA MÔNICA. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.

VERGUEIRO, W. A pesquisa em quadrinhos no Brasil: a contribuição da universidade. In: LUYTEN, S. B. (org.). **Cultura pop japonesa.** São Paulo: Hedra, 2005. p. 15-26.